

## Teatro, Mídia e AIDS\*

Por: Vagner de Almeida

Em 1989, quando a primeira peça de teatro sobre HIV/AIDS intitulada “**Adeus Irmão Durma Sossegado**”, escrita e dirigida por mim e produzida pela minha extinta companhia de teatro “Somos 2 Produções Artísticas”, no Teatro de bolso de setenta lugares na Aliança Francesa de Copacabana, no Rio de Janeiro, foi um *boom* de protestos dentro da classe teatral e artística. Todos os argumentos foram levantados e um dos mais interessantes era a de que o *título* não era comercial. Mas com a supervisão geral do antropólogo Richard Parker, conseguimos levar a AIDS para os palcos com temas totalmente brasileiros. Era a AIDS dentro da casa de cada um de nós. A AIDS mãe, pai, filhos, solteiros e casados, homossexuais e heteros. Uma época em que ainda a população desconhecia alguém muito próximo infectado com o vírus. Isto incomodou muitas pessoas. A própria mídia na época colocou a AIDS completamente inserida na comunidade gay e disse que o assunto estava saturado, como se a epidemia não houvesse já ultrapassado essas barreiras. Com esse espetáculo, a desconstrução estava ali no palco, na frente de todos. Sem a mídia o espetáculo doava suas apresentações gratuitamente para os grupos de apoio de AIDS como a ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, o ATOBÁ, que nos doavam preservativos, o Grupo Pela Vidda Rio de Janeiro, entre outros grupos que começavam a surgir. Tudo muito braçal e a epidemia já estava instalada na sociedade brasileira há mais de 10 anos. Total negação, tanto por parte da população como da mídia. As piadas na época se multiplicavam e a moralidade se expandia sobre aqueles que eram descobertos soropositivos.

Para a ironia do destino, nenhum canal de televisão quis dar uma nota sequer sobre o espetáculo. Algumas emissoras de TV que procurávamos diziam que o assunto era importante, relevante, mas que o público não estava preparado para ouvir e falar sobre a Peste Gay no Brasil. No mesmo período, centenas de amigos, conhecidos das classes artísticas já se encontravam infectados e alguns já haviam morrido ou se escondiam da mídia e faleciam no anonimato. Pouquíssimos foram descobertos pela mídia e tiveram a coragem de expor a sua soropositividade estapadas nas mídias nacionais. “**Adeus Irmão Durma Sossegado**”, seria a primeira peça original em português, pois outros textos apresentados foram traduções de espetáculos que eram importados dos Estados Unidos, como a “Mancha Roxa ” e tantas outras.

Alguns jornais de massa, ou bem dizendo, algumas colunas de famosos, como a coluna de Ibrahim Sued, o Caderno de Domingo Teatro do JB e Walter Rizzo do Jornal dos Esportes deram uma notinha de rodapé em suas colunas.

Jornais alternativos como Letras e Artes, Papo Teatral, Nós Por Exemplo, Boletim ABIA, Jornal de Hoje, Jornal do Teatro, Revista de Teatro da SBAT apareciam nas noites de espetáculo e me perguntavam o por que de estar fazendo aquilo? Pois a epidemia até então, era uma coisa muito distante da sociedade brasileira. Raras notas foram vinculadas nos grandes veículos de massa na época sobre “**Adeus Irmão**

**Durma Sossegado”**. Porém, apesar da ausência da mídia, muitas pessoas começavam a vasculhar esse universo, através da peça. Estudantes, futuros ativistas, mulheres de todas as classes sociais e travestis eram o público de massa todas as noites.

Em 1990, insistindo com o tema e lutando contra a maré, surge o meu segundo espetáculo escrito e dirigido por mim intitulado **“Estou Vivo”**, com o mesmo tema – a AIDS. Mas só que desta vez o que queríamos era falar sobre vida e conseguimos fazer uma trajetória muito mais positiva, pois a sociedade no final dos anos 80 foi obrigada a engolir a AIDS crua pela garganta abaixo. Os casos se amontoavam nos leitos hospitalares e a mídia retomava o tema com a chegada do AZT publicamente.

Nesta época, mesmo com a mídia perversa bombardeando as manchetes com alarmismos, ela trouxe uma contribuição – ainda que não muito positiva em muitas das vezes – para a sociedade, e pessoas de peso tomaram a frente da campanha contra o HIV/AIDS. Personalidades do meio artístico começavam a se destacar como ativistas, colaboradores, infectados, mães, irmãos começaram a colocar a cara na frente das câmeras e as novas faces da epidemia como a do Betinho, Cazusa, Sandra Brea e tantos outros, foram se organizando para uma luta que dura anos a fio.

Foram preciso décadas para que a mídia, mesmo que equivocada muitas das vezes, pudesse aderir ao movimento da luta contra AIDS. Muitos necessitaram morrer, para que a sociedade acordasse e percebesse que negar seria uma tragédia mundial, como tem sido em tantos outros países do mundo.

Hoje parece que todos estão informados, sabem de tudo sobre a epidemia e ironicamente os números continuam crescendo entre todas as classes sociais e gêneros dentro da população brasileira e ironicamente, sendo o Brasil considerado um dos melhores programas de AIDS do mundo.

Qual tem sido os desempenhos sociais das mídias de massas (televisão, rádio, computadores, telefones celulares, outdoors) em se tratando do HIV/AIDS?

Equivocadamente, ainda se fala nas mídias a palavra **“Aidético”**, ao invés de mencionar **“Pessoas convivendo com HIV/AIDS ou infectadas”**.

A mídia está muito vinculada em propagandas de prevenção **“Camisinha, DST/AIDS”** na maioria das vezes na temporada de Carnaval, esquecendo que o ano possui 365 dias e que todo dia é dia para a maioria da população interagir sexualmente.

A mídia falha muito em se tratando de HIV/AIDS e não adianta termos o melhor programa de AIDS do mundo. Raramente o tema aparece em novelas brasileiras de forma real e quando o faz na maioria das vezes está repleto de fragmentos isolados não muito esclarecedores para a população. Raramente nos roteiros de novelas se

ouve o nome “preservativo”, transar com os parceiros do elenco na trama com a “camisinha”. Cenas de sexo quase explícitas são editadas e não se fala no preservativo. Os roteiros ignoram essa palavra como se as cenas de sexo, sejam elas entre casais fixos ou não, fossem invulneráveis ao HIV/AIDS. Dentro dos lares brasileiros a televisão, formadora de opinião, invade a privacidade de cada pessoa sem tocar no preservativo, na AIDS, nas DSTs. Toda regra tem exceção e alguns programas trazem esporadicamente a questão à tona.

Vende-se todos os tipos de informações na mídia, desde a AR-15, as toneladas de cocaína, prensados de maconha apreendidos, carros, apartamentos e não se vende “preservativos” na TV. Não se fala ou se vende “sexo com preservativo”. – Uma mídia a ser contestada por suas falhas em se tratando de HIV/AIDS.

A AIDS está na mídia privada, aquela que a população usa através dos computadores, dos sites especializados no assunto, e os quais muitas pessoas não possuem o acesso ainda. Ainda somos um Brasil de pouco acesso à Internet.

Estamos falando de Brasil, onde o único meio de comunicação de massa são as redes de televisões, pagas ou não e as estações de rádios, sejam elas clandestinas ou não. O país se comunica através desses dois veículos ainda.

Argumentar sobre Mídia é muito polêmico e cheio de interpretações, mas o que devemos averiguar neste universo que permeia os dias e a sociedade em que vivemos são os efeitos benéficos e colaterais que a mesma mídia que constrói, inversamente desconstrói as paralelas do indivíduo menos favorecido ou não.

A mídia expõe, investe no concreto e abstrato do indivíduo, deixando-o vulnerável em suas infinitas e variadas tendências.

Uma das tendências perversas da mídia nos dias de hoje é a violência estrutural que é enfatizada de todas formas através da mídia e nela uma que há anos vem sendo implantada passivamente dentro das vidas das pessoas, que é a homofobia. Programas homofóbicos fazem do cotidiano brasileiro formas de lazer. Humor recheado de piadas perigosas, incentivadoras de deboches perversos, criando uma visão completamente negativa, moralista, distorcida da comunidade GLBT.

A vida está crivada de perplexidades. Pessoas informadas deixando a mídia instalar-se com uma certa polidez e consideração no mais remoto interior das pessoas e assim vai testemunhando a decrepitude inerente da homofobia internalizada e exposta de maneira cruel e nociva. Mesmo os mais habilidosos dificilmente escapam das armadilhas, dos trocadilhos, tanto da mídia como do cotidiano de esquina da sociedade, que subtrai indecentemente o pobre, o negro e o homossexual.

A sociedade necessita ser observada de dentro para fora, revisitada em todos os seus compartimentos mais íntimos e sórdidos, para que não caiamos em total demência social.

**\*Trabalho apresentado no 1ª Conferência Estadual de Políticas Públicas para GLBT**

**Referências:**

“Revista de Teatro da SBAT” – Número 469, pág 47, ano LXV, Janeiro, fevereiro e março, 1989

“Jornal do Teatro, ano II” – Número 12, maio – 1989

“Jornal Papo Teatral, ano 1” – Número 6, junho -1989

“The Role of Theatre in AIDS Education: A Brazilian Example”, II Internacional Symposium on AIDS Education, World Health Organization (WHO), Yaoundé, Camarões, outubro - 1989

“Teatro Expressionista Parte I”, Jornal Papo Teatral, ano III, n.32, agosto, 1991.

.

“Teatro Expressionista Parte II”, Jornal Papo Teatral, ano III, n.33, setembro, 1991.

“Teatro Expressionista Parte III”, Jornal Papo Teatral, ano III, n. 35, novembro, 1991

.

“O Teatro, O Ator, e a AIDS”, Jornal Papo Teatral, ano IV, n. 37, junho, 1992.

“A Mídia Perversa e o Universo de Homens que fazem Sexo com Homens” – Vagner de Almeida - 2004

“Homossexualidades: Produção Cultural, Cidadania e Saúde” Organizadores: Luiz F.Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta, Veriano Terto Jr – publicado pela ABIA – 2004

Programa ATITUDE.COM – Tema: Homossexualidade Contemporânea TV Educativa - ACERP Programa ATITUDE.COM – Rio de Janeiro, junho 2007